

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Ione Guimarães Figueiredo Lopes

**O POTENCIAL DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DA COMPOSIÇÃO VISUAL:
Uma proposta para alunos do ensino fundamental**

Contagem

2020

Ione Guimarães Figueiredo Lopes

**O POTENCIAL DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DA COMPOSIÇÃO VISUAL:
Uma proposta para alunos do ensino fundamental**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.
Orientador(a): Artur Luiz de Souza Maciel

Contagem

2020



Nome: **IONE GUIMARÃES FIGUEIREDO LOPES**

O POTENCIAL DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DA COMPOSIÇÃO VISUAL: UMA PROPOSTA PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Banca examinadora:

Prof. Artur Luiz de Souza Maciel – CEEAV/ EBA/ UFMG (Orientador)

Prof. João Augusto Cristeli de Oliveira – CEEAV/ EBA/ UFMG – Membro da Banca Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020.

Resumo

A composição visual é um conteúdo bastante importante para as aulas de arte, pois permite o entendimento sobre a formação da imagem e uma leitura mais eficiente sobre elas. Porém, ensinar e aprender sobre composição visual, não é tão simples, ou fácil, devido a alguns fatores.

O objetivo, portanto, da pesquisa, foi demonstrar que a fotografia apresenta potencial para facilitar o aprendizado sobre composição visual, proporcionando a alunos do ensino fundamental meios para desenvolver a capacidade de produção e leitura de imagens de forma mais eficiente. Para as reflexões do trabalho, portanto, estabeleci diálogo, principalmente com os autores: Dondis (1997); Flusser (2002); Coelho, Azevedo e Baptista (2009).

Com um breve relato sobre minhas experiências como aluna e professora de arte, mostrei algumas dificuldades apresentadas no ensino da composição visual, no entanto, de como este conteúdo é importante para formação completa do aluno. Mostrei, através das referências sugeridas, que o uso da fotografia pode facilitar o ensino da composição visual. As consequências do advento da fotografia em nossa sociedade, indicam a necessidade do ensino sobre composição visual e, também, apontam algumas das potencialidades da fotografia. E, baseado em minhas experiências com os alunos do ensino fundamental, apresentei uma proposta de metodologia para o ensino da composição visual através da fotografia. Consideramos, então, que a fotografia pode ser usada como meio facilitador para o entendimento sobre composição visual, capaz de desenvolver a sensibilização do olhar e, assim, proporcionar aos alunos a possibilidade de se fazer a leitura das imagens, e a produção de imagens expressivas.

Palavras-chave: Composição visual. Fotografia. Leitura das imagens. Alfabetismo visual.

Abstract

Visual composition is a very important content for art classes, as it allows understanding about image formation and a more efficient reading about them. However, teaching and learning about visual composition is not so simple, or easy, due to some factors.

The objective, therefore, of the research was to demonstrate that photography has the potential to facilitate learning about visual composition, providing elementary school students with means to develop the ability to produce and read images of more efficiently. For the reflections of the work, therefore, I established dialogue, mainly with the authors: Dondis (1997); Flusser (2002); Coelho, Azevedo and Baptista (2009).

With a brief account of my experiences as a student and art teacher, I showed some difficulties presented in the teaching of visual composition, however, how important this content is for the complete formation of the student. I showed, through the suggested references, that the use of photography can facilitate the teaching of visual composition. The consequences of the advent of photography in our society indicate the need for teaching on visual composition, and, also, point out some of the potentialities of photography. And, based on my experiences with elementary school students, I presented a proposal of methodology for the teaching of visual composition through photography.

We consider, then, that photography can be used as a facilitating medium for understanding visual composition, capable of developing the sensitization of the gaze and, thus, providing students with the possibility of reading the images, and the production expressive images.

Keywords: Visual composition. Photo. Reading the images. Visual literacy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. OLHAMOS E NÃO VEMOS: O ESTUDO DA COMPOSIÇÃO VISUAL.....	13
2.1 Os elementos visuais da composição visual em sala de aula.....	15
2.2 A Fotografia e a composição visual.....	19
3. A FOTOGRAFIA.....	23
3.1 A História e o processo fotográfico.....	23
3.2 As implicações do advento da fotografia e sua potencialidade no ensino da composição visual.....	24
4. A PRÁXIS FOTOGRÁFICA NO AUXÍLIO À COMPOSIÇÃO VISUAL.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
6. REFERÊNCIAS.....	45
7. ANEXO 1.....	47
8. ANEXO 2.....	48

INTRODUÇÃO

Vivemos no mundo das imagens. Por todo lado elas estão presentes e na maioria dos meios de comunicação elas são usadas. Afinal uma imagem pode conter mais de mil palavras. Fazer, portanto, a leitura destas imagens se faz necessário. E não só as imagens de nosso dia a dia, mas também as que nos são apresentadas nos museus e galerias; o artista tem muito a nos dizer. Esta necessidade foi dramaticamente colocada por Martine Joly em seu livro Introdução à análise da imagem:

A utilização das imagens generaliza-se de fato e, quer as olhemos, quer as fabriquemos, somos quotidianamente levados à sua utilização, decifração e interpretação. Uma das razões pelas quais elas podem, então, parecer ameaçadoras é que estamos no meio de um curioso paradoxo: por um lado, vemos as imagens de um que nos parece perfeitamente natural, que aparentemente não exige qualquer aprendizagem e, por outro, temos a sensação de ser influenciados, de modo mais inconsciente do que consciente, pela perícia de alguns iniciados que nos podem manipular submergindo-se da nossa ingenuidade. (2007, p 9 e 10)

Ela nos apresenta a necessidade de podermos fazer uma leitura mais consciente das imagens que nos cercam.

Vejo, pela minha experiência, a necessidade, para se fazer uma leitura um pouco mais completa das imagens, de abordar o tema composição visual. E, por não ser algo tão fácil de se entender, e principalmente ensinar, é que proponho, aqui, a fotografia, como meio facilitador para compreensão de tal conteúdo.

Entender sobre composição não é fácil. Faço esta afirmativa pela minha própria experiência como aluna na Escola de Belas Artes da UFMG, quando pela primeira vez tive contato com este tema. Entender que existem os elementos estruturais, que formam uma imagem, é simples, mas quando se procura unir estes elementos para que sejam capazes de ter força expressiva com equilíbrio, movimento, unidade e ritmo (os elementos intelectuais), a coisa se complica. É complicado porque muitas vezes o artista, dada a sua sensibilidade, usa a sua intuição na maneira de como fará a composição de sua obra. Ele pode ter sucesso, e vai depender de seu contato constante com estes elementos e de sua constância em ver, analisar e pesquisar outras imagens. Ensinar como se dá este processo de criação é difícil. E, pensando que vivemos num mundo repleto por imagens, e as imagens mais próximas de nós não são as obras geniais de artistas renomados, pois além destas estarem em

museus (embora, atualmente, se busque cada vez mais uma aproximação dos museus e suas obras com o público em geral), elas não são facilmente compreendidas, pois é necessário um contato maior do público com a arte. As imagens mais próximas de nós são as que o filósofo Vilém Flusser denominou como sendo as imagens técnicas. São elas, em primeiro lugar (pois foi através dela que todas se originaram posteriormente), a fotografia; depois o cinema; a TV; os vídeos; videogames; etc.

Entender ou fazer a leitura visual de tais imagens não é algo acessível a todos, pois a quantidade de imagens que nos estão disponíveis é tão grande que nos acostumamos a elas a ponto de passarmos pelas mesmas e nem ao menos nos darmos conta de que existem. Isto só é possível aos que se acostumaram a produzi-las ou manipulá-las. Porém é possível que as pessoas que não têm este acesso às imagens ou não estão sensíveis à elas sejam capazes de desfrutar e penetrar neste mundo imagético, pois, o fato é que existe uma gramática visual construída capaz de facilitar esta leitura, e que precisa ser acessível não só aos artistas e outros profissionais da arte, mas a todas as pessoas (DONDIS, 2007).

E é por isso, que no ensino da arte, precisamos abordar o tema composição visual. É um conteúdo importante pois nos auxilia na leitura da obra de arte, seja uma tela, um desenho, um cartaz, uma fotografia, ou qualquer outra imagem que nos é apresentada no dia a dia, pela mídia, ou quando visitamos uma exposição.

A capacidade de ver, inata ao homem, nos possibilita absorver um cem número de informações. Mas poucos de nós consegue absorver com mais detalhes as informações que nos são passadas através dos olhos e do cérebro, pois ver requer um exercício. Requer não só apreender os diversos símbolos visuais e fazer exercícios constantes de observação, mas ainda conhecer os elementos visuais básicos que formam as imagens e as forças de interação e de relacionamento entre eles capazes de nos comunicar algo. Ao conhecer os elementos visuais que compõe uma imagem, ao vê-los separadamente, podemos perceber a força de cada um dentro da imagem, e o poder expressivo de cada um, que vai influenciar na expressão da imagem como um todo. Dondis aponta estes elementos e reforça a importância deles.

Os elementos visuais constituem a substância básica daquilo que vemos e seu número é reduzido: o ponto, a linha, a forma, a direção,

o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala, e o movimento. Por poucos que sejam, são a matéria prima de toda informação visual em termos de opções e combinações seletivas. A estrutura da obra visual é a força que determina quais elementos visuais estarão presentes, e com qual ênfase essa presença ocorre. (DONDIS, 2007, p 5).

Dentro de composição é importante esta separação dos elementos básicos, pois é a investigação da imagem no seu nível mais simples, para depois relacioná-los entre si, e fazer o entendimento do todo da obra, com seus elementos individuais se relacionando para alcançar o significado desejado.

É inevitável que a preocupação última do alfabetismo visual seja a forma inteira, o efeito cumulativo da combinação de elementos selecionados, a manipulação das unidades básicas através de técnicas e sua relação formal e compositiva com o significado pretendido. (DONDIS, 2007, p. 04).

Ou seja, fazer esta análise do todo da obra, da imagem, e, portanto, a sua leitura final, se dá depois que se percebe as partes, os elementos básicos compositivos, a força expressiva de cada um. Mas isto requer um exercício constante de contato com obras e imagens percebendo o que elas podem nos dizer.

O mundo atual é feito de imagens. Elas estão por toda parte, e é requerido que todos possam desfrutar de tais imagens, entendendo aquilo que elas expressam e comunicam.

Por não ser algo tão simples de se ensinar e aprender, como dito anteriormente, é que a pesquisa se propõe a apresentar a fotografia como potencial para a sensibilização das pessoas quanto às imagens existentes na natureza ou produzidas, e, assim, facilitar no ensino da composição visual, princípio para o alfabetismo visual. Entender composição visual é perceber os elementos que compõem uma imagem e que ajudam na percepção de sua expressividade, é ser sensibilizado para aquilo que se vê. Portanto, a fotografia como um meio que “congela”, “captura” a imagem, nos provê de um objeto que é a foto, e que pode ser observada com mais cautela, e ser, assim, analisada e compreendida naquilo que se quer expressar. Até aí uma obra de arte, um desenho, pode proporcionar o mesmo. Porém a fotografia traz mais credibilidade, pois se trata de uma imagem do real, porém veremos mais tarde, que a fotografia não é, na verdade, apenas isto, mas se

trata de símbolos que precisam ser decifrados, porém a credibilidade do real é algo que ainda influi na força de tal imagem (FLUSSER, 1985).

Um outro fator a se considerar, é que a fotografia é uma forma instantânea para se conseguir imagens (no sentido da facilidade proporcionada pela câmera digital, e de celulares com câmeras, de se produzir diversas imagens a um tempo reduzido), o que facilita em sua análise e prática. E, ainda, há um interesse grande por parte dos alunos no uso desta linguagem, porque eles podem aprender usando o celular, um aparelho cada vez mais presente nas salas de aula e que pode ser mais bem utilizado, ou seja, de forma pedagógica. Em minha experiência, com alunos do ensino fundamental, tenho percebido o interesse apresentado pelos mesmos, quando se propõe o uso do celular para se tirar fotos. Há um entusiasmo maior na dedicação em cumprir as tarefas propostas. É uma opção de uso das novas tecnologias em sala de aula.

No primeiro capítulo, então, farei um breve relato de minha experiência como aluna na Escola de Belas Artes da UFMG, na época de minha formação, mostrando a dificuldade no entendimento sobre o conceito de composição e sua aplicabilidade nas artes visuais e ainda das dificuldades do ensino de tal conteúdo em sala de aula com alunos do ensino fundamental. Vou trazer um embasamento teórico sobre composição visual, seu conceito e sua relação com o alfabetismo visual. Além disto, introduzir a fotografia no ensino da composição visual.

No segundo capítulo, farei uma breve explanação das implicações do advento da fotografia, como ela mudou toda a concepção da arte provocando uma grande revolução no mundo das obras artísticas e das imagens. E, ainda, diante da dificuldade da compreensão sobre o conceito de composição visual e da necessidade de sua aplicabilidade como forma de uma maior sensibilização quanto ao mundo que nos rodeia (de todo o seu conteúdo visual), da necessidade de um alfabetismo visual, apontarei a possibilidade e potencial da fotografia para facilitar o seu aprendizado, e conseqüente sensibilização quanto às imagens presentes no mundo em que vivemos.

No terceiro capítulo, vou narrar as atividades propostas aos alunos como métodos para se conseguir resultados satisfatórios no ensino de composição visual.

Espero que esta pesquisa contribua para que o ensino da composição visual seja possível no ensino fundamental e que realmente se efetive como conhecimento apreendido de forma que os alunos sejam capazes de olhar as imagens e fazer a

leitura delas de maneira mais rica e eficaz naquilo que elas se propõem, podendo ter uma outra atitude ao olhar, sendo sensibilizados para o mundo que os rodeia, resultando numa experiência rica e cheia de significados. E, ainda, possibilitar que sejam capazes não só saber apreciar, mas também de produzir imagens significativas.

Capítulo 1

OLHAMOS E NÃO VEMOS: O ESTUDO DA COMPOSIÇÃO VISUAL

Iniciei meus estudos na Escola de Belas Artes da UFMG em 1984 e terminei o bacharelado em desenho em 1988. Dentre as disciplinas obrigatórias estava a Composição. Era a primeira vez que ouvia sobre isto e tive grande dificuldade no aprendizado para possível aplicação dos conhecimentos sobre este conteúdo em meus trabalhos. Tudo que eu fazia era de forma muito intuitiva. Não conseguia atribuir significado no que aprendia sobre composição visual, ou de como a distribuição no espaço (proporção áurea) poderia ter importância para os desenhos que estava produzindo. Talvez por ser um conceito muito abstrato, envolvendo em grande parte a intuição do artista, sua percepção visual, na sua aplicabilidade. Na verdade, eu tinha dificuldade de propor, intencionalmente, algum significado àquilo que produzia. Comunicar com imagens não é uma tarefa fácil, e fazer a leitura, da mesma forma.

Só mais tarde, quando vim a ser professora de arte em algumas escolas de Curitiba, onde morei por um tempo (1999 a 2005), e, posteriormente, em escolas de Contagem (ensino médio, de 2006 a 2010), e, finalmente, em Belo Horizonte (ensino fundamental, a partir de 2010), é que me deparei, novamente, com este desafio. Mas agora, o desafio era o de ensinar tal conteúdo com suas habilidades e competências, pois compreendi que o ensino sobre composição visual é importante para que o aluno saiba um pouco sobre o processo de formação das imagens visuais, com quais elementos o artista trabalha para conseguir sua expressividade; pois com a maturidade da idade, pude entender que se trata de manipular os elementos básicos em determinado espaço, ou suporte, de forma que um todo se forme, este todo poderia estar ligado a um todo harmonioso, ou, mais contemporaneamente, a um todo expressivo; porque, hoje, a estética pode não estar somente ligada à beleza, ao belo. A importância no ensino da composição era, não só entender as possibilidades de construção de uma obra visual, mas possibilitar ao aluno conseguir fazer a leitura das obras e imagens ao seu redor.

Estudar composição visual não envolve apenas a construção de uma imagem, mas também fazer a sua leitura. E para isto, há a necessidade de ter contato com as

imagens, num sentido mais amplo do que estar rodeado por elas, e são poucas as pessoas que mantêm um contato maior com elas.

Uma das dificuldades para o aprendizado da composição, provém da nossa incapacidade de olhar com mais cuidado para as coisas. Digo *nossa*, me referindo às pessoas que passam pela vida sem ver com cuidado para as coisas ao redor, porém, não descarto que eu mesma possa passar por “certos lugares” e não prestar muita atenção para aquilo que vejo. Olhamos, mas não vemos. O mundo hoje se move de maneira rápida e levamos uma vida muito agitada, por isto passamos muitas vezes pelas coisas que estão ao nosso redor, sem, no entanto, percebê-las. Olhamos de forma superficial para as coisas. “O olhar é o que define a intencionalidade e a finalidade da visão” (AUMONT, 2004, p.59). Olhar é apenas reconhecer uma imagem, é o reconhecimento de uma imagem que foi apresentada uma segunda vez. Ver, ou, a visão da imagem, é mais complexo, pois “se vê, não apenas no tempo, mas a custa de uma exploração que raramente é inocente; é a integração dessa multiplicidade de fixações particulares sucessivas que faz o que chamamos nossa visão de imagem” (AUMONT, 2004, p.61). E uma outra definição, na concepção de Dondis, ver “é o processo de absorver informação no interior do sistema nervoso através dos olhos, do sentido da visão.” (DONDIS, 2007, p. 30). Precisamos olhar para uma imagem e explorar suas potencialidades narrativas, pois nada substitui a experiência de ver (FERNANDES JÚNIOR, 2006, p.10).

E há um outro fator esclarecido por Arnheim, que nos impede de realmente ver as imagens. Nós nos acomodamos com aquilo que já foi escrito sobre aquilo que vemos. Ao abordarmos, por exemplo, alguma obra de arte, mostrando a imagem para o aluno, caímos na armadilha de falarmos da obra, sobre aquilo que lemos sobre ela. Os alunos, então, da mesma forma, se acomodam ficando satisfeitos com o quê falamos. Pois estamos sempre querendo falar sobre tal e tal coisa, sobre uma simetria intencional que gera equilíbrio numa determinada obra, por exemplo; negligenciando nossa capacidade de perceber através dos sentidos. Como nos aponta Rudolf Arnheim na introdução de seu livro: *Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora*.

É verdade que esse estado de coisas parece insatisfatório para quase todos; mas se procurarmos suas causas com algum cuidado, descobriremos que somos herdeiros de uma situação cultural que, além de ser insatisfatória para a criação da arte, ainda encoraja o

modo errado de considerá-la (...). Temos negligenciado o dom de compreender as coisas através de nossos sentidos. O conceito está divorciado do que se percebe, e o pensamento se move entre abstrações. Nossos olhos foram reduzidos a instrumentos para identificar e para medir; daí sofreremos de uma carência de ideias exprimíveis em imagens e de uma capacidade de descobrir significado no que vemos. É natural que nos sintamos perdidos na presença de objetos com sentido apenas para uma visão integrada e procuremos refúgio num meio mais familiar: o das palavras (2005)

E ele aponta que esta percepção inata de ver com os olhos, com os sentidos, precisa ser despertada, e trabalhada. Para isto Arnheim aplica grande parte da teoria da Gestalt na interpretação das artes visuais.

O estudo da composição teve um avanço muito grande na Gestalt.

Creio que alguns dos trabalhos mais significativos nesse campo foram realizados pelos psicólogos da Gestalt, cujo principal interesse têm sido os princípios da organização perceptiva, o processo da configuração de um todo a partir das partes (DONDIS, 2007, p. 22)

As partes referidas por Dondis, e como ele mesmo aponta, são os elementos da composição visual.

Para começar a responder essas perguntas é preciso examinar os componentes individuais do processo visual em sua forma mais simples. A caixa de ferramentas de todas as comunicações visuais são os elementos básicos, a fonte compositiva de todo tipo de materiais e mensagens visuais, além de objetos e experiências: o ponto(...), a linha (...), a forma (...), a direção (...), o tom (...), a cor (...), a textura (...), a escala ou proporção (...), a dimensão e o movimento (2007, p. 23).

Mais uma vez a importância de se perceber estes elementos visuais básicos separadamente é apontada para começarmos a buscar uma leitura satisfatória das imagens, pois o que se faz ao perceber os elementos visuais em uma obra ou imagem, é praticar o exercício não apenas de olhar, mas ver detalhadamente tudo que se apresenta nesta obra de arte ou imagem

Os Elementos Visuais da Composição Visual em Sala de Aula

Em minhas aulas de arte procuro definir estes elementos e fazer com que os alunos percebam estas partes em separado, com atividades práticas permitindo que eles

tenham contato com estes elementos explorando-os e aplicando-os de diversas maneiras de acordo com a sensibilidade e criatividade, com o objetivo de aumentar o leque de possibilidades para a expressão de cada um. Portanto, era interessante quando propunha desenhos feitos somente com pontos, explorando suas possibilidades de tamanhos e disposição, ou um desenho em que a linha fosse predominante e explorada em suas características (linhas retas, linhas onduladas, curva, poligonal), e mostrava à eles que estes eram exercícios de possibilidades e que estimulavam a criatividade. Mas, justamente como acontecia comigo, na época em que era aluna, meus alunos, da mesma forma, apresentavam dificuldades de entender o objetivo de se analisar cada elemento separadamente em desenhos ou pinturas abstratas e de como eles poderiam apresentar alguma força reunindo-os em um desenho que normalmente era do tipo figurativo. Depois de abordar cada elemento visual, reuni-los em um desenho abstrato ou figurativo e perceber que a força de cada um poderia ajudar na expressividade do desenho ou pintura, e que a posição destes elementos no espaço era fator também importante, isto era algo que para meus alunos era difícil e para mim ainda mais difícil fazê-los entender. Isto foi motivo de, em alguns anos, como professora, não proporcionar aos alunos o estudo deste conteúdo.

Portanto, a dificuldade se apresentava quando procurava fazer com que os alunos reunissem alguns dos elementos, ou todos os elementos, enfatizando que poderia haver uma relação entre eles capaz de traduzir o todo da imagem. Ou seja, na combinação destes elementos é possível propor uma mensagem, algo a ser comunicado, o objetivo da imagem. Como é indicado por Dondis:

É a partir dos elementos visuais que “obtemos matéria-prima para todos os níveis de inteligência visual, e é a partir deles que se planejam e expressam todas as variedades de manifestações visuais, objetos, ambientes e experiências.

Os elementos visuais são manipulados com ênfase cambiável pelas técnicas de comunicação visual, numa proposta direta ao caráter do que está sendo concebido e ao objetivo da mensagem (2007, p.23).

Mas esta dificuldade é natural, pois ver envolve muitas coisas. E, de acordo com Dondis, é necessário desenvolver esta percepção visual e investigá-la, pois, é um dos critérios essenciais para se conseguir traduzir uma obra visual ou mesmo atribuir significado a ela.

A tarefa, então era de fazer com que os alunos pudessem ter contato com vários tipos de imagens observando-as com cuidado e, ainda produzindo-as, pois produzir imagens também facilita no entendimento de outras imagens, ou seja, a prática constante de construção de imagens é talvez, mais importante do que apenas mostrar obras de artistas e apenas falar sobre elas. Não que isto não seja importante, mas há a necessidade de proporcionar sempre a prática.

Porém, conseguir estabelecer relação entre os elementos visuais ao construir imagens não é tão simples. Para o artista isto se dá no âmbito da intuição pois ele já estabelece uma relação com as imagens desde muito tempo, pois o artista visual já é sensível a elas, e para muitos, o contato com imagens é feito desde quando se é criança. Para alunos ou pessoas que pouco têm contato com imagens é tremendamente difícil esta tarefa: construir imagens que ele se sinta incapaz de produzi-las.

Um outro aspecto que de certa forma também seria um dificultador para a leitura de uma obra, seria se ela, a leitura, corresponderia ao que o artista de fato estaria comunicando. Ver e observar a imagem é seguir a estrutura da imagem, mas, além disto, a imagem envolve duas intencionalidades: a do emissor e a do receptor, como alerta Vílem Flusser (1985, p.7).

A maneira de como se pode fazer uma leitura da imagem que seja correspondente à do artista que a produziu, também foi pesquisado na Gestalt. Quando o artista produz sua obra, quando subjetivamente faz suas escolhas sobre quais elementos usará, algumas em detrimento de outras ele chegará ao resultado que pretende com seus significados. O espectador fará a leitura da obra também de acordo com sua vivência, trazendo um significado para si. Então como poderemos ter um resultado de significados comuns diante de tantas subjetividades?

Os estudos da Gestalt se deram no sentido de saber “como o organismo humano vê e organiza o *input* visual e articula o *output* visual” (DONDIS, p. 31, 2007). Entendendo que *input* seria a intenção do artista e *output*, como nós respondemos a estas imagens interpretando-as; e a resposta seria, então, de acordo com estes estudos, buscando o que há de comum em todas as pessoas através de experimentos no campo da percepção.

Há significados incorporados em nós durante toda a nossa vida, que é comum à todas as pessoas.

A informação visual também pode ter uma forma definível, seja através de significados incorporados, em forma de símbolos, ou de experiências compartilhadas no ambiente e na vida. Acima, abaixo, céu azul, árvores verticais, areia áspera e fogo-vermelho-alaranjado-amarelo são apenas algumas das qualidades denotativas, possíveis de serem indicadas, que todos compartilham visualmente. Assim, conscientemente ou não, respondemos com alguma conformidade o seu significado (DONDIS, p.32, 2007).

Estes signos desenvolvidos durante nossa vida podem ser traduzidos em linhas, formas, cores, enfim, nos elementos visuais que adquirem, assim, força individual, e que, unidos num todo, vão proporcionar uma informação mais complexa à imagem construída.

Um exemplo claro é a cor. Há uma relação muito grande da cor com nossas experiências visuais, e que são comuns às pessoas de todos os lugares. Além da relação que fazemos da cor com os objetos que as possuem, a folha da árvore é verde, o céu é azul, o pôr do sol é alaranjado, o fogo da madeira é laranja, amarelo, vermelho; fazemos também uma associação simbólica: por exemplo, o vermelho que pode significar calor, amor, perigo e vida (DONDIS, 2007, p.64). Estes são signos que o artista, e o comunicador visual, usam para expressar suas ideias, e são captados pelo expectador, se este teve as mesmas experiências visuais durante sua vida.

Um outro exemplo que podemos dar é a linha. A linha é um elemento visual que corresponde a sucessivos pontos alinhados, que podem ou não mudar a sua direção; ela por si só é bem expressiva (DONDIS, 2007, p.55 a 57). Uma linha reta na horizontal pode nos dar a sensação de amplitude. Uma linha reta na vertical pode nos dar a sensação de equilíbrio e estabilidade, e uma linha reta na diagonal nos dá a sensação de movimento, pois a qualquer momento ela parece estar caindo ou direcionando nosso olhar para algo que queremos ressaltar, ou mostrar. Já a linha ondulada nos dá a sensação de movimento e maleabilidade, em contraponto à linha reta que parece ser mais rígida. E, a linha poligonal, uma sensação de rigidez e agressividade (por causa das pontas que produzem). Estes são signos comuns à maioria das pessoas, em suas experiências visuais durante toda as suas vidas.

Destrinchar o todo de uma obra visual é um dos passos para entender seu significado. Observar e estudar o que cada elemento visual pode proporcionar à nossa percepção, saber o que cada elemento visual pode provocar, cada um com

sua capacidade de nos despertar sensações é um grande passo para entendermos como se dá o alfabetismo visual.

Os artistas podem produzir uma série de obras procurando sensações possíveis e explorando a capacidade de cada elemento. Se a pessoa comum não conhecer e perceber esta expressividade dos elementos, será difícil fazer a leitura das obras, e imagens, principalmente as abstratas. Os comunicadores visuais, que fazem uso, em grande parte, da fotografia, também têm o domínio destes elementos manipulando-os conforme o que querem.

Conseguimos, até agora, perceber quais são os motivos que dificultam o ensino e aprendizagem da composição visual, sendo apontados: a incapacidade de olharmos para as coisas ao nosso redor e realmente vê-las, de podermos fazer este exercício de observação e desenvolvermos nossa percepção visual; o fato de nos acomodarmos com as palavras, esperando que elas façam todo este exercício visual para nós; o fato de não termos tanto contato com as imagens pelo fato de nos sentirmos incapazes de produzi-las. Para fazer a leitura mais aprofundada da imagem apontamos a necessidade de “desmontar” as imagens em seus elementos visuais básicos percebendo a expressividade de cada um, o que seria um dos passos para se fazer o alfabetismo visual.

Propomos, aqui, o uso da fotografia como um facilitador, para que o aluno compreenda melhor a questão da composição visual, apontada como a maneira desenvolvida para que a leitura das imagens possa ser feita, e, também a sua construção, de maneira que apresente conteúdo expressivo.

A Fotografia e a Composição Visual

Como a fotografia, então, poderia auxiliar na compreensão da composição visual e de seus elementos estruturais e intelectuais?

A intenção é mostrar que a fotografia apresenta um potencial para facilitar o entendimento sobre composição visual e capaz de sensibilizar o aluno de forma a ter um contato maior com diversos tipos de imagens que ele mesmo possa produzir.

Pudemos perceber, até agora, que uma forma de entender composição seria desenvolver um olhar mais aguçado sobre a imagem, isto é perfeitamente possível através da prática da fotografia, fotografar significa estar atento as imagens que nos rodeiam e ainda aos detalhes. Desenvolver um “olhar fotográfico”, é proporcionar ao

aluno tirar várias fotos, esta prática o ajudará a fazer escolhas entre as imagens produzidas por ele mesmo, escolher entre as “fotos boas e as ruins”.

Os elementos visuais presentes nas imagens, estão presentes na natureza, quando olhamos para tudo ao nosso redor, mas, nós não percebemos estes elementos (ponto, linha, forma, cor, textura, dimensão), pois não nos preocupamos com eles. A fotografia é o mais perto que conseguimos de uma imagem do real e que pode ser capturada e “feita” por qualquer um, portanto ela pode ser um meio facilitador para o entendimento de que cada elemento visual está presente na natureza, e que, portanto, pode facilitar no entendimento sobre a importância destes elementos na composição da imagem.

A fotografia congela a imagem. Esta é uma característica poderosa e que nos ajuda neste desafio de “ver com detalhes”, ou seja, de realmente ver a imagem e não apenas olhar deixando de perceber tudo o que foi olhado.

A natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente. Percebemos, em geral, o movimento de um homem que caminha, ainda que em grandes traços, mas nada percebemos de sua atitude na exata fração de segundo em que ele dá um passo. A fotografia nos mostra essa atitude, através dos seus recursos auxiliares: câmara lenta, ampliação. Só a fotografia revela esse inconsciente ótico (...) (BENJAMIM, 1994, p.94)

Pela sua instantaneidade é que ela pode nos ajudar a perceber os elementos visuais, pois através do ato de fotografar, é possível capturar a imagem de imediato e observar a presença destes elementos analisando sua força expressiva. “O advento da câmara é um acontecimento comparável ao do livro, que originalmente beneficiou o alfabetismo.” (DONDIS, 2007 p. 2 - 3). Pois o livro nos proporciona ler, e quanto mais lemos diversos e diferentes livros, mais conseguimos aprender tanto a ler como a escrever. A fotografia nos permite ver e rever a imagem, e, não apenas isto, nos proporciona, também, produzirmos diversas imagens, e assim o exercício da experimentação constante. Esta facilidade só aconteceu realmente com a fotografia digital, pois ela permite um maior número de imagens sendo produzidas, que podem ser consideradas ou descartadas, e, posteriormente serem impressas sem o custo do filme da máquina analógica, que pelo preço, tanto do filme quanto da revelação, limitavam a prática de se tirar fotos com mais liberdade.

Quando utilizamos os elementos na composição (pontos, linhas, cores, texturas etc.) isoladamente, conseguimos por vezes um resultado abstrato, e o exercício de experimentação constante destes elementos ajuda-nos a chegar a um resultado compositivo satisfatório ou não. Tentativas em acertos e erros.

(...) a abstração tem sido o instrumento fundamental para o desenvolvimento de um projeto visual. É extremamente útil no processo de exploração descompromissada de um problema e no desenvolvimento de opções e soluções visíveis. A natureza da abstração libera o visualizador das exigências de representar a solução final e consumada, permitindo assim que aflorem à superfície as forças estruturais e subjacentes dos problemas compositivos, que apareçam os elementos visuais puros e que as técnicas sejam aplicadas através da experimentação direta. (DONDIS, 2007, p 103 - 104).

Permitir esta experimentação através de fotos dos elementos visuais, fotos de pontos somente, fotos de linhas somente, fotos de formas com cores, ou em preto e branco, proporcionará uma experimentação sem compromisso capaz de sensibilizar o aluno para aquilo que ele vê.

A fotografia digital, por apresentar as características anteriormente mencionadas, constitui um excelente recurso que pode ser utilizado nas aulas de arte para alunos do 8º ou 9º anos. Ela permite este exercício constante da abstração, manipulando os elementos visuais de forma bastante livre, buscando imagens interessantes com resultados compositivos muito bons. Ela é um recurso mais atrativo ao estudante do que produzir obras abstratas com lápis, tintas ou colagens, pois estes tendem a desanimar diante do lápis, caneta ou tinta, pois ficam presos à representação figurativa do real, e, por vezes, incapazes de produzir a abstração sem uma atitude crítica bastante negativa. Com a fotografia é diferente, pois captarão imagens do “real”, daquilo que estão vendo, e, portanto, poderão agir com mais desenvoltura fotografando.

Perceber que uma imagem fotográfica não ficou interessante, que sua composição não estava adequada, não é tão difícil pois o aluno pode fazer a comparação ali na hora. Uma imagem interessante, cuja composição seja adequada é aquela em que o fotógrafo (e o mesmo acontece com o artista de imagens tradicionais) consegue um resultado satisfatório para aquilo que ele quer “dizer”, comunicar com sua imagem.

A experimentação da criação de diversas imagens apenas fotografando-as e conferindo o resultado na própria tela do celular, é muito interessante para criar no

aluno uma sensação de satisfação pela imagem por ele captada. E a fotografia pode proporcionar isto, para alunos que se sentem inabilitados ou incapacitados para o desenho ou a pintura.

Portanto, resumindo, diante das dificuldades pessoais ante o estudo da composição visual, e ainda de seu ensino nos últimos anos do ensino fundamental; percebendo a importância e, porque não dizer, urgência, de se proporcionar as pessoas em geral, a leitura das imagens que nos rodeiam de forma apropriada e mais eficiente, é que a proposta de uso da fotografia como forma de potencializar este estudo se justifica, pois percebemos que a fotografia é um meio que atrai os estudantes, que possibilita experimentar, com infinitas possibilidades, e de forma imediata, a criação das imagens e, ainda, a sua leitura; também é capaz de desenvolver um olhar mais crítico sobre estas imagens produzidas. Possibilidades estas, que, de certa forma, auxiliam numa melhor compreensão sobre composição visual, minimizando as dificuldades apresentadas.

Capítulo 2

A FOTOGRAFIA

A história e o processo fotográfico

Sabemos que a fotografia não tem um único inventor. Ela veio sendo construída desde a antiguidade, remontando à Grécia antiga, mais ou menos em 360 a. C., pois Aristóteles teria mencionado a formação da imagem pela passagem dos raios solares por um pequeno orifício em ambiente escuro. Alguns historiadores mencionam, também que o árabe Ibn al Haitam, em 1038 observou um eclipse solar com uma câmara escura em Constantinopla, segundo Pereira da Costa (1999). Sabia-se, portanto, que a imagem se formava no interior da câmara escura. Como a luz caminha em linha reta, a imagem projetada no fundo da câmara era invertida, ou seja, de cabeça para baixo. Este invento foi usado na Renascença para auxiliar os artistas na execução de desenhos e pinturas. Para isto eles introduziram lentes aos orifícios, que resultaram na melhora da imagem, tornando-a mais nítida, além de espelhos que alteravam a posição invertida da imagem. Faltava, então gravar e fixar, esta imagem. Em “1604, um cientista italiano, Ângelo Sala, descobriu um material fotossensível ao observar que um certo composto de prata se escurecia por exposição ao sol.” (COELHO, AZEVEDO, BAPTISTA, 2009, p. 22). Assim, os estudos sobre o processo fotográfico continuaram, e houve a contribuição de vários pesquisadores e cientistas que fizeram melhorar a qualidade da imagem que se formava no interior da câmara escura. Mas a possibilidade de “capturar” a imagem”, só veio a se realizar, por volta de 1826, depois que Joseph-Nicéphore Niépce (1765-1833) realizou a primeira foto capturada da janela de seu quarto que ficou por 8 horas em exposição à luz. Louis-Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) levou adiante as pesquisas de Niépce depois que ele morreu. Em 1839, Daguerre consegue um processo mais rápido, de 20 a 30 min. contrapondo ao longo tempo de Niépce, segundo Pereira da Costa (1999). Era uma foto por vez e não apresentava o negativo. Com os estudos de William Henry Fox Talbot (1800 a 1877) a produção de fotos se multiplicou, pois através de um processo chamado calotipia, ele conseguiu produzir o negativo da foto. A Kodak, posteriormente, aperfeiçoou a invenção ao criar o rolo fotográfico, com o qual se podia tirar mais de uma foto ao mesmo tempo,

tornando a prática fotográfica acessível a todos. E quando se inventou um meio para que essas imagens fossem impressas, houve, então uma grande disseminação da imagem fotográfica.

Por volta de 1890, o aparecimento dos sistemas de impressão gráfica de imagens utilizando o processo de meio-tom veio permitir o uso generalizado de fotografias na imprensa diária, em livros e revistas, potencializando o processo de multiplicação em larga escala da imagem fotográfica e levado à sua caracterização como principal veículo da comunicação visual de massa.(COELHO, AZEVEDO, BAPTISTA, 2009, p.25)

Até então as fotos eram em preto e branco, apesar dos estudos para a introdução da cor nos filmes tivesse se iniciado no século XIX, somente em 1935 foi introduzido os filmes de transparências coloridas, de acordo com Luís Moraes Coelho, Patrícia Azevedo e Paulo Baptista (2009, p. 25).

Hoje, a popularização da fotografia se tornou ainda mais intensa com os celulares, que vem se apresentando como uma alternativa ao uso da câmera fotográfica.

As implicações do advento da fotografia e sua potencialidade no ensino da composição visual

À medida que a fotografia foi se desenvolvendo, seu advento trouxe algumas transformações consideráveis, mudanças profundas e revolucionárias na sociedade. Ela pode contar a história da vida de uma pessoa, de uma cidade, de um povo e sua cultura, proporcionando ao homem um conhecimento mais preciso de realidades distantes e distintas. Realidades que antes eram transmitidas e conhecidas através dos textos.

E, não importando qual seja o registro fotográfico, qual o tema, cada avanço tecnológico das câmeras (analógica e digital) trouxe novas percepções do mundo e da realidade.

Vilém Flusser fala que, primeiramente, as imagens técnicas (termo usado por ele para designar todas as imagens criadas a partir da fotografia) vieram com o propósito de impedir a textolatria. Melhor explicando:

E é neste sentido que as imagens técnicas tendem a eliminar os textos. Com essa finalidade é que foram inventadas. (...) As fotografias foram inventadas no século XIX, a fim de remagiciarem os

textos (embora seus inventores, não se tenham dado conta disto). A invenção das imagens técnicas é comparável, pois, quanto à sua importância histórica, à invenção da escrita. Textos foram inventados no momento de crise das imagens, a fim de ultrapassar o perigo da idolatria. Imagens técnicas foram inventadas no momento de crise dos textos, a fim de ultrapassar o perigo da textolatria (1985, p. 11).

Ou seja, conforme Flusser, a função das imagens técnicas seria a de emancipar a sociedade de pensar, na maioria das vezes, em termos de conceitos, seria a de “substituir a capacidade conceitual por capacidade imaginativa de segunda ordem. É neste sentido que as imagens técnicas tendem a eliminar os textos”. (FLUSSER, 1985, p. 11).

O objetivo preconizado era reintroduzir as imagens na vida das pessoas possibilitando tornar visível aquilo que o texto escondia. Mas não foi bem isto o que aconteceu:

(...) Na realidade, porém, a revolução das imagens técnicas tomou outro rumo: não tornam visível o conhecimento científico, mas o falseiam; não reintroduzem as imagens tradicionais, mas as substituem; não tornam visível a magia subliminar, mas a substituem por outra. (FLUSSER, 1985, p. 12).

A objetividade das imagens técnicas, por parecerem ser a realidade que se vê, é ilusória pois elas são tão simbólicas quanto são todas as imagens. Por trás da câmera está o fotógrafo, e, diante dele, está o objeto a ser fotografado, a imagem real que enxergamos, porém, a maneira como o fotógrafo fará uso de sua máquina, como irá operá-la, é algo subjetivo, e ele conseqüentemente, produzirá símbolos.

Uma primeira consequência do advento da fotografia, e que é apontado por Flusser, é que o mundo passou a ser representado por imagens técnicas que parecem retratar a realidade, e, portanto, são totalmente críveis. Há uma confiança extraordinária sobre aquilo que estas imagens mostram.

Um exemplo prático deste fato são as propagandas que lidam a todo tempo com a natureza dos signos, como é exemplificado por Martine Joly em sua Introdução à análise da imagem:

O exemplo da imagem é ainda mais demonstrativo e pode ajudar a melhor a compreender a natureza do signo: uma fotografia (significante) representando um alegre grupo de pessoas (referente) pode significar, de acordo com o contexto, *foto de família* ou, na publicidade, *alegria ou convivência* (significado). (2007, p.37).

Como não acreditar numa cena com pessoas reais que demonstram alegria e felicidade ao sentar-se na mesa com a família e comer determinado produto? Mesmo que este produto, sabemos, não possa trazer a felicidade, acabamos acreditando nisto.

O poder persuasivo da imagem fotográfica ou televisiva é muito forte por tratar-se da realidade, apesar de nela estar embutida múltiplos signos que são manipulados por aqueles que lidam com tais imagens. A força resultante destas imagens fabricadas, como aponta Joly, “é que elas são *vestígios*. Na teoria, são, pois, *indícios* antes de serem ícones. Daí resulta a sua força”. (2007, p.44)

Outra consequência do advento da fotografia, também apontado por Flusser, foi a substituição das imagens tradicionais (desenhos, pinturas etc.), ou seja, as obras de arte, pelas imagens técnicas.

Devido a produção em massa da fotografia, disseminada em escala global, ela se diferencia dos outros tipos de arte, passa a ser o principal veículo de comunicação visual, acabando por substituir as imagens únicas e artesanais, as obras de arte.

O interessante é que a fotografia surge justamente na época em que o estilo de arte predominante era o Realismo, um estilo onde o artista procurava retratar a vida cotidiana de forma figurativa, próxima à realidade visível. Então, quando a fotografia surgiu, este estilo artístico perdeu o sentido. Como o artista plástico da época poderia competir com a fotografia, que fazia este papel com tanta perfeição? A arte, então, toma outro rumo, segue outra linha. A criatividade e expressão do artista, na sua forma de pensar e ver o mundo se tornam cada vez mais subjetivos e acaba se distanciando do público que não consegue entender com facilidade as imagens produzidas pelos artistas, pois são imagens que não retratam mais, de forma figurativa, aquilo que se vê (como na Grécia, Roma, e depois na época do Renascimento, Barroco, Neoclassicismo, Romantismo e Realismo). E a arte pela arte ganha força provocando este distanciamento. Portanto, a fotografia inicia este processo de distanciamento do público com as obras de arte, com o perigo de se tornarem supérfluas (DONDIS, 1985, p. 200 - 201).

A fotografia passa, então a cumprir a função apontada por Flusser, substituindo as imagens tradicionais. E isto é ainda mais acentuado com os avanços tecnológicos da própria máquina fotográfica.

Com as máquinas analógicas a quantidade de fotos a serem tiradas era restrito à quantidade existente no filme e, com as digitais, isto mudou radicalmente, mudando também a forma de relacionamento com a câmera. Basta haver o interesse por fotografar que é possível tirar foto de tudo e ainda compartilhar nas redes sociais.

Na era analógica, o ato de fotografar era quase que exclusivamente reservado aos adultos, utilizada a câmera em momentos específicos e escolhidos com cuidado. Com a fotografia digital essa relação muda. Tudo é fotografável e pode ser compartilhado em diversos sites na Internet, permitindo interação entre diferentes usuários que consomem a produção frenética de imagens e, outros momentos, também lançam na rede seus próprios registros (FARIAS, 2014, p.9).

A fotografia, portanto, está presente em todo lugar, e o artista não é mais o produtor exclusivo de imagens, este não é um privilégio só dos artistas. A fotografia tornou a capacidade de reproduzir imagens, algo acessível à todas as pessoas, desde uma criancinha à uma pessoa mais idosa. E, essa produção, é possível a qualquer hora e qualquer lugar. Porém, a produção excessiva das imagens através dos celulares e outros meios, tem banalizado estas imagens fazendo com que nós passemos por elas e muitas vezes não nos damos conta de que elas estão ali.

O distanciamento entre a arte e o público é um panorama pessimista e, claro, negativo, pois as pessoas tornam-se insensíveis e incapazes de valorizar manifestações produzidas e apresentadas pelos artistas que produzem diferentes pontos de vista, e que são capazes de nos enriquecer culturalmente aprimorando o gosto e a estética.

A capacidade que a fotografia tem de nos convencer de que, aquilo que nos é apresentado e olhamos, é verdadeiro, além deste distanciamento do contato com outros tipos de imagens (as imagens tradicionais), é o que torna a sociedade amorfa, sem condições de poder fazer um julgamento mais crítico, ou fazer a devida leitura destas imagens que lhes são apresentadas no dia a dia, sendo possivelmente manipulados por aqueles que têm domínio delas.

No entanto, diante deste cenário pessimista em relação ao advento das imagens técnicas ou fotográficas, é possível que em alguns pontos ele possa ser revertido. E é no ensino da arte que este cenário deve começar a mudar. Este ensino precisa se preocupar em proporcionar ao aluno uma leitura mais crítica das imagens. O desafio será de despertar nos alunos o interesse por olhar com mais cuidado para qualquer imagem que seja, fazer sua leitura, e poder definir o que fazer diante delas. Ter

domínio das imagens e não ser dominados por elas. Poder compreender através dos estudos sobre composição, as mensagens que se escondem por trás das imagens, com, paradoxalmente, o auxílio da fotografia, tomando dela esta força persuasiva e de sua praticidade e acessibilidade proporcionado pelos celulares.

Será, portanto, necessário, uma metodologia que explore as potencialidades da fotografia para o ensino da composição visual, capaz de auxiliar na leitura das imagens.

Uma das potencialidades da fotografia, e aqui já mencionadas, é que se trata de uma imagem congelada do real, é uma característica diferenciada das demais imagens, pois ela nos revela muito do que os olhos normalmente não consegue revelar, e que se deve ao fato de agirmos com certa imaginação ao olharmos para as coisas sem de fato vê-las. Um exemplo interessante é dado por Coelho, Azevedo e Baptista. Ao usarmos uma luz azulada em uma sala cujas paredes sabemos ser brancas e na qual estão algumas pessoas. Nossa percepção visual e outros sentidos tendem a perceber a cena a partir de informações que estão retidas na memória:

Aos nossos olhos, tanto poderemos ver a parede azulada, quanto imaginá-la branca, pois já a conhecemos ser branca de memória, abstraindo sua aparência azulada. Acrescente-se o fato de que junto a essas paredes estão as pessoas de pele azul; a nossa imaginação deverá prevalecer sobre a informação visual. A fotografia, no entanto, nos mostrará as paredes azuis, apesar de sabermos que elas são pintadas de branco (2009, p.18).

E, além disto, é uma imagem plana. Isto nos permitirá, no ensino da composição, poder ver e analisar com cuidado a imagem fotografada. Pois, como vimos, para se fazer, inicialmente a leitura das imagens precisamos nos deter sobre a imagem observando todos os seus detalhes, como diz Flusser:

O fator decisivo no deciframento de imagens é tratar-se de planos, O significado da imagem encontra-se na superfície e pode ser captado por um golpe de vista. No entanto, tal método de deciframento produzirá apenas o significado superficial da imagem. Quem quiser “aprofundar” o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir à sua vista vaguear pela superfície da imagem(...) (FLUSSER, 1985, p.7).

A fotografia, como imagem plana, bidimensional, proporciona ao olhar, melhor identificar os elementos visuais, pois

O olhar humano, acostumado a reconhecer e decifrar a luz em movimento contínuo no espaço tridimensional, aprende a reconhecer a representação de instantes paralisados nesse espaço sobre a superfície bidimensional de uma fotografia, identificando signos gráficos, relacionando linhas, formas e cores, atribuindo-lhes valores de posicionamento espacial como proximidade, afastamento e dimensões, bem como signos decorrentes do registro de objetos em movimento (COELHO, AZEVEDO, BAPTISTA, 2009, p.19)

Para produção de fotografias em sala de aula, tem que ficar claro para o aluno que não se trata apenas de apertar o botão da máquina fotográfica ou do celular, para assim “tirar a foto”. É primordial que os professores conscientizem seus alunos de que, apesar de estar ali, na sua frente, o objeto a ser fotografado, ele poderá manipular aquela imagem para o que ele pretenderá dizer com ela.

Roland Barthes fala sobre esta fatalidade de que “não há foto sem alguma coisa ou alguém, (...) e é o que nos leva a perguntar por que escolher (fotografar) tal objeto, tal instante, em vez de tal outro?” (BARTHES, 1984, p. 16).

É uma dúvida que percorrerá a práxis do aluno ao fotografar e que o levará a pensar sobre as intencionalidades existentes em qualquer imagem que nos é apresentada.

É interessante ressaltar que a fotografia trabalha com a luz, sem ela não haveria imagem. E a luz tanto pode ser natural quanto artificial. O tipo de luz que é usada é também fator determinante na expressividade pretendida. Proporcionar ao aluno perceber que, conforme o tipo de luz é usada em determinadas horas do dia (no caso da luz natural), ou conforme é direcionada (luz artificial), é possível dar à imagem significados diversos.

Este exercício de produzir imagens passará por um exercício da visão que será proporcionado aos alunos nas aulas, usando-se a fotografia. E, como, a fotografia capta a imagem real (da realidade que vemos), terá poder de credibilidade e ao mesmo tempo, satisfação do aluno ao conseguir manipular aquilo que ele vê.

A possibilidade de produção de várias imagens com o simples apertar do dedo no botão, facilita o exercício, que pode ser feito com a fotografia, entre acertos e erros. A cada fotografia tirada, o professor orientará (através da própria sensibilidade) sobre aquela que tem o potencial maior de expressividade, que dá à foto a característica de uma obra artística.

Esta orientação é importante para tirar da fotografia o seu caráter robotizante e que impera sobre aqueles fotógrafos considerados amadores. Pois assim como o ensino

da escrita exige-se a compreensão da gramática, assim também para a produção de imagens é necessária uma orientação direcionada, para que a produção desenfreada de imagens, ou seja, a práxis fotográfica não seja um gesto automático apenas gerador de imagens do real.

Graças a críticas deste tipo é que podemos esperar transcender o totalitarismo robotizante do aparelho que está em vias de se preparar. Não será negado a automaticidade dos aparelhos, mas a encarando é que podemos esperar a retomada do poder sobre os aparelhos. (FLUSSER, 1985, p.38).

Ou seja, a criticidade proporcionada pelos professores orientadores da práxis fotográfica irá proporcionar isto. Não indo contra, no entanto, à automaticidade dos aparelhos, porém, tirando proveito das diversas possibilidades que a câmera proporciona para captar uma imagem. Todos os seus recursos disponíveis, é o que Flusser quer dizer quando o fotógrafo não trabalha com a câmera fotográfica, mas brinca com ela:

O fotógrafo manipula o aparelho, o apalpa, olha para dentro e através dele, a fim de descobrir sempre novas potencialidades. Seu interesse está concentrado no aparelho e o mundo lá fora só interessa em função do programa. Não está empenhado em modificar o mundo, mas em obrigar o aparelho a revelar suas potencialidades (FLUSSER, 1985, p. 15).

O aluno irá perceber que apesar de estar diante de um mesmo objeto a ser fotografado, as imagens produzidas por pessoas diferentes, resultará em imagens diferentes. Isto se dá da mesma forma que desenhistas diante de um mesmo objeto a ser observado e desenhado, o resultado sempre será de desenhos diferentes. A subjetividade está presente no desenhista, e no fotógrafo, dependendo então de vários fatores, alguns relativos à experiência de vida e visão de mundo do fotógrafo, aliado àquilo que ele deseja passar consciente ou inconscientemente através das imagens que produz; e, alguns, relativos à relação do fotógrafo com sua câmera, ou seja, o conhecimento que ele tem sobre os recursos que a câmera apresenta e, ainda do modo como se posiciona buscando o melhor ângulo para retratar aquele objeto.

Este entendimento proporcionado ao aluno (pois ele estará “brincando” com a câmera) o ajudará a entender melhor, ou seja, fazer uma leitura mais consciente de outras imagens.

Para decifrar fotografias não preciso mergulhar até o fundo da intenção codificadora, no fundo da cultura da qual as fotografias, como todo símbolo, são pontas de *icebergs*. Basta decifrar o processo codificador que se passa durante o gesto fotográfico, no movimento do complexo “fotógrafo-aparelho”. (FLUSSER, 1985, p. 24).

Para, então, começar a entender a linguagem das imagens, será proveitoso o uso da fotografia nas aulas de arte, basta em sua práxis, entender que este gesto fotográfico é primordial para aquilo que a imagem irá expressar.

Reforçando, Flusser ainda acrescenta:

(...): para fotografar, o fotógrafo precisa, antes de mais nada, conceber sua intenção estética, política etc., porque necessita saber o que está fazendo ao manipular o lado *output* do aparelho. A manipulação do aparelho é gesto técnico, isto é, gesto que articula conceitos. O aparelho obriga o fotógrafo a transcodificar sua intenção em conceitos, antes de poder transcodificá-la em imagens. Em fotografia, não pode haver ingenuidade. Nem mesmo turistas ou crianças fotografam ingenuamente. Agem conceitualmente, porque tecnicamente. Toda intenção estética, política ou epistemológica deve, necessariamente, passar pelo crivo da conceituação, antes de resultar em imagem. O aparelho foi programado para isto. Fotografias são imagens de conceitos, são conceitos transcodificados em cenas (FLUSSER, 1985, p. 19).

Daí a potencialidade da fotografia no ensino da composição. Apenas em sua práxis o aluno perceberá que o que ele seleciona (o objeto a ser fotografado, ou a imagem por ele escolhida) para fotografar, apresentará uma intenção, um conceito, uma mensagem através das escolhas sobre as possibilidades de sua câmera e, também, seu posicionamento frente ao seu objeto fotográfico. Todo este esforço pessoal para captar a melhor imagem sobre o objeto escolhido, resultará em algo pessoal a ser transmitido. Para isto ele poderá também analisar as fotos tiradas, as diversas fotos tiradas e escolher aquela que mais se aproximou de sua intencionalidade.

Resumindo, a história da fotografia nos mostra que a cada contribuição científica alterando e melhorando o invento, isto causava alguma mudança na sociedade. Então, com o advento da fotografia, as imagens técnicas ganham destaque e influenciam grandemente a população por serem retratos da realidade, apesar de, na verdade, serem símbolos. Elas passam a substituir as imagens tradicionais distanciando o público da arte. O domínio excessivo das imagens técnicas, devido à quantidade em que são produzidas, impede que o público, em geral, sinta a

necessidade de decifrá-las, não percebendo as intenções verdadeiras daqueles que as manipulam. A sociedade se torna amorfa, incapacitada de fazer um julgamento crítico sobre as imagens que a dominam.

Propõe-se, portanto, no ensino da arte, propiciar aos alunos, uma leitura mais eficaz das imagens podendo usar justamente a fotografia (que produz imagens técnicas), pois esta demonstra potencial para o ensino da composição visual. Vejamos algumas de suas potencialidades: - ela permite o congelamento da imagem que proporciona uma melhor visualização dos elementos visuais e de detalhes que os olhos normalmente não percebem; - a possibilidade de lidar com muitas imagens ao mesmo tempo e compará-las; - exercitar o olhar, buscando imagens interessantes; - apresenta o fator credibilidade por retratar com certa fidelidade as imagens que vemos; - proporciona múltiplas possibilidades de manipular as imagens devido às possibilidades da câmera; - o aluno aprende “brincando” pois a prática fotográfica é uma distração prazerosa.

Veremos no capítulo que se segue, sugestões para uma práxis da fotografia no auxílio da composição visual.

Capítulo 3

A PRÁXIS FOTOGRÁFICA NO AUXÍLIO À COMPOSIÇÃO VISUAL

“A fotografia é a arte de desenhar com a luz”

Por perceber a necessidade de o conteúdo sobre composição visual ser abordado em sala de aula, por causa de sua importância na efetivação do alfabetismo visual, que é primordial para que se tenha um olhar mais crítico sobre as imagens, e pela dificuldade de aprendizagem sobre composição visual por parte dos alunos, é que iniciei, em sala de aula, a abordagem do tema com o auxílio da fotografia. Eu já havia introduzido o conteúdo sobre fotografia em minhas aulas, mas apenas como um conteúdo sobre alguns aspectos fotográficos, como temas que poderiam ser abordados: figura humana, paisagens, animais, objetos, detalhes. Apesar, de que, desde o início, enfatizava a questão da diferença entre fazer uma foto apenas apertando o dedo no botão da câmera, e, entre produzir fotos interessantes e diferenciadas, que tivessem um olhar mais artístico, ou seja expressivo. Foi nesta prática que percebi que não podia falar de fotografia, e não falar sobre a composição visual, sobre o enquadramento e os elementos que poderiam estar na imagem, sendo ali distribuídos. Vi aí uma forma mais prática de abordar o tema composição. Tema este que auxilia na intenção do artista para expressar suas ideias, modo de pensar ou visão de mundo, mesmo que de forma intuitiva.

Por isto me dediquei a introduzir o ensino da composição através das aulas sobre fotografia, ou melhor, ensinar composição visual com o auxílio da fotografia.

A proposta que se segue é baseada em algumas experiências positivas em sala de aula associadas às práticas sugeridas com base nos estudos da presente pesquisa.

Conteúdo: Fotografia e Composição Visual

Justificativa: A conquista do alfabetismo visual, ou domínio da linguagem visual é de suma importância se quisermos entender e fazer a leitura das imagens presentes no dia a dia, que nos rodeiam, ou daquelas que estão nos museus e galerias. Proporcionar aos alunos o domínio da linguagem visual, impedindo que de forma persuasiva, as imagens tenham domínio sobre aquilo que pensam e vivem, não sucumbindo aos diversos interesse que estão por trás das mesmas, pois são manipuladas por aqueles que as produzem. Ou, por outro lado, proporcionar

desfrutar das diversas ideias e diferentes visões sobre o mundo que os rodeia, e sobre as diversas culturas, através das manifestações expressivas de vários artistas, entendendo melhor sua produção.

Objetivo: Possibilitar, com o ensino da composição visual através da fotografia, desenvolver um olhar sensível para aquilo que está ao redor, procurando ter um olhar mais atento aos detalhes e aos elementos compositivos, percebendo a força de cada um, produzindo, assim, imagens significativas e expressivas.

Metodologia: Algumas aulas serão dedicadas à exposição dos conceitos básicos sobre fotografia, sua história, que apresente os fatos mais relevantes para o entendimento do processo fotográfico, e de algumas técnicas para controle da luz. Citar os fotógrafos artistas e falar de suas obras, serão, também, tema de aulas expositivas permeadas por debates e questionamentos sobre a prática e concepção de tais obras. E aulas práticas que reforcem o desenvolvimento de um olhar mais ativo que busque um contato maior com as imagens ao redor, e imagens produzidas. Uma avaliação crítica sobre as fotos tiradas, a cada tema proposto.

Desenvolvimento:

Primeiro Momento: Uma aula expositiva tendo como base um texto sobre a história da fotografia (fatos mais relevantes) e o processo fotográfico com o desenho demonstrativo da câmara escura, a ser distribuído aos alunos. Esta aula pode ser enriquecida com a montagem de uma câmara escura (acoplada a ela uma lente de lupa diante do orifício) que tenha uma abertura para mostrar a formação da imagem no interior da caixa. A caixa seria um material demonstrativo do processo fotográfico, daquilo que ocorre dentro da câmara.

Segundo Momento: A exposição por meio do data show de fotos de fotógrafos renomados (como: Henri Cartier-Bresson, Alfred Stieglitz, Sebastião Salgado, Dorothea Lange, Ansel Adams, Arnold Newman, Eve Arnold, William Henry Jackson etc.), com perguntas que levem os alunos refletirem sobre a produção fotográfica de tais artistas. Perguntas (anexo 1) como: 1) O quê você vê na foto? 2) Podemos fazer um desenho esquemático da imagem usando quais elementos visuais? Faça um esboço da imagem produzindo estes elementos. 3) Quais outros elementos visuais foram usados? 4) Como estes elementos foram posicionados no espaço, no enquadramento? 5) Qual a sensação dada por estes elementos? 6) Então, qual a interpretação você pode dar à imagem apresentada?

Esta aula pode ser feita através de perguntas feitas para a turma no geral, com a participação voluntária de alguns alunos e, em seguida, pedir que estes escolham uma das fotos apresentadas, para que cada um, em folhas com estas perguntas, respondam às perguntas individualmente.

Terceiro Momento: Entregar um roteiro planejado (anexo2) pelo(a) professor(a) que apresente os temas propostos aos alunos para que tirem suas fotos. A turma será dividida em grupos de no máximo 4 integrantes, onde pelo menos um dos alunos esteja de posse de um celular com câmera, ou uma câmera fotográfica, e que esteja disposto a emprestar, ou que possa emprestar aos demais alunos do grupo. É claro que a disponibilidade do celular é maior do que uma câmera fotográfica.

O primeiro tema proposto e a ser desenvolvido pelos alunos, nas aulas práticas, será os elementos visuais: o ponto, a linha, a forma, a cor, a textura, a dimensão. A proposta é que os alunos busquem, entre as imagens existentes na escola, estes elementos de forma individualizada ou predominante. O objetivo é que percebam a presença destes elementos e explorem as composições abstratas, sensibilizando, assim o seu olhar para a força dos elementos e entender que a formação de uma imagem pressupõe sempre a presença destes elementos.

Então, de certa forma, os alunos desmontarão a imagem captando seus elementos formadores com a aproximação da câmera sobre o objeto utilizando zoom, ou não. E, ao afastar a câmera do objeto, eles perceberão a imagem como um todo, atentando para o fato da imagem conter os elementos por ele captado e enfatizado. Um dos exemplos conseguidos através deste exercício foi a foto de um objeto onde o aluno aproximou a câmera para captar a textura dele, e que era composta por pontos e cor. A princípio não era possível identificar de qual objeto se tratava, pois era uma foto abstrata. Só depois é que o objeto foi revelado quando aluno afastou mais a câmera e o capturou em uma foto que se tornou figurativa.

Os tipos de enquadramentos proporcionados pelas diversas câmeras também é um bom exercício para que o aluno experimente estas possibilidades de composição:

(...) podemos dizer que toda foto é uma escolha, não só do que desejamos mostrar, mas também daquilo que desejamos excluir. O enquadramento fotográfico determina um recorte geométrico para a cena. Algumas câmaras produzem imagens quadrada, mas a maioria das câmaras nos força a compor imagens em enquadramento retangular. Estes diferentes formatos permitem ao fotógrafo explorar várias potencialidades estéticas, observando o

recorte das formas retratadas de maneira a construir composições interessantes dentro do enquadramento (COELHO, AZEVEDO, BAPTISTA, p .21)

O exercício do abstrato é um exercício de sensibilidade, que causa estranhamento, e que pode fazer o aluno a pensar a fotografia de uma maneira diferente. É como aponta Rubens Fernandes Júnior quando fala da produção fotográfica contemporânea definindo-a como fotografia expandida

Todos esses procedimentos técnicos apontam para as novas questões conceituais da fotografia. Não é mais suficiente apenas a preocupação com a aparente perda da referência fotográfica e de sua autoridade como documento testemunhal. A nova produção imagética deixa de ter relações com o mundo visível imediato, pois não pertence mais à ordem das aparências, mas sugere diferentes possibilidades de suscitar o estranhamento em nossos sentidos. Trata-se de compreender a fotografia a partir de uma reflexão mais geral sobre as relações entre o inteligível e o sensível, encontradas nas suas dimensões estéticas. (2006, p. 17).

Proporcionar ao aluno esta experiência com o abstrato é fazê-lo compreender melhor as produções artísticas contemporâneas.

À medida que os alunos vão tirando as fotos, os grupos vão se apresentando para mostrar ao(a) professor(a) as fotos que foram tiradas no próprio celular. Cada aluno apresenta individualmente suas fotos, para que o(a) professor(a) faça comentários orientando os alunos sobre as fotos que ficaram interessantes e outras que não ficaram e o porquê. Se atingiram o objetivo proposto na atividade e ainda, quanto à estética em relação à sua expressividade.

Daí se percebe como os alunos “melhoram” a qualidade de suas imagens.

Outro tema a ser proposto é a foto de detalhes, ou seja, os alunos se empenharão em procurar detalhes (imagens figurativas) em toda a escola. Uma das objeções que ouvi de alguns dos alunos foi: “Ahhh professora, mas não tem nada de bonito nesta escola para tirar uma foto!!” ao que respondi: “Você verá que tem sim, basta observar, tem muitas coisas na escola que você vai perceber, vão ficar bonitas em suas fotos. Comece a procurar!” É, portanto, este olhar diferenciado para as coisas ao redor que os alunos poderão desenvolver com a fotografia.

Ao fazer a avaliação das fotos tiradas é interessante que, nestas fotos figurativas, os alunos percebam os elementos visuais que ali aparecem e tentem perceber que eles apresentam uma determinada força que ajuda na expressividade da imagem. É fazer

com que os alunos observem a própria imagem produzida, e assim façam aquilo que Flusser disse sobre o *scanning* da imagem podendo de certa forma decifrá-la:

Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear o olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. (...)Ao circular pela superfície, o olhar tende a voltar sempre para elementos preferenciais. Tais elementos passam a ser centrais, portadores preferenciais do significado. Deste modo, o olhar vai estabelecendo relações significativas. (FLUSSER, 1985, p.7)

Este exercício, com certeza fará com que os alunos tenham um olhar mais poético sobre a escola, ou seja, conseqüentemente trarão com estas fotos uma densidade poética à escola.

E o que Aumont diz sobre a função da imagem, aqui ela cumpre o seu papel:

(...) A imagem tem por função primeira garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual: ela desempenha o papel de descoberta do visual: vimos (...) que essa relação é essencial para nossa atividade intelectual: O papel da imagem é permitir que essa relação seja aperfeiçoada e mais bem dominada. (AUMONT, 1993, p.81)

As fotos de detalhes consistiam na aproximação da câmera a um determinado objeto, que visto exteriormente não era tão significativo, mas olhando pelo visor da máquina, e buscando ângulos diferenciados de visão, passava a ter um valor antes não considerado. A proposta é diferente da anterior pois a foto era abstrata, aqui a câmera teria que aproximar-se do objeto, mas não o abstrair.

Passemos, então para outro tema a ser proposto ao aluno: Tirar fotos de Naturezas Mortas. Esta atividade deverá ser acompanhada pela conceituação sobre natureza morta, caso os alunos ainda não tenham esta definição bem assimilada. Esta é uma atividade que pode ser feita dentro da sala de aula, onde os alunos se disporão dos objetos escolares ali presentes. Esta atividade é interessante porque permite, mais uma vez, que os alunos exercitem a composição visual ao distribuírem os objetos presentes, em uma superfície, no caso as mesas presentes ou bancadas, que procurem objetos interessantes e expressivos para suas fotos para comporem o espaço determinado. Daí caberá ao aluno, de acordo com suas preferências se posicionarem com as câmeras diante dos objetos e procurarem os melhores ângulos

para suas fotos. Esta é uma das potencialidades da fotografia que permite ao aluno, diante de um mesmo objeto, tirar diferentes fotos de diferentes ângulos, percebendo a questão das possibilidades compositivas podendo ter de forma mais clara e bem construída o conceito sobre composição visual.

A proposta desta atividade, se estende para um exercício a ser feito, como sendo um “para casa” para o aluno. Ele deverá, em casa, buscar objetos significativos para ele, que procurem ter relação com suas preferências, ou que sejam interessantes para ele. Ele deve reunir em um espaço, estes objetos, fazendo uma composição harmoniosa, ou que tenha um significado intencional e procure tirar várias fotos do mesmo assunto. Assim ele perceberá as diferentes possibilidades compositivas e, também, a questão da subjetividade e a “mensagem” ou expressividade contida na foto, através dos objetos significativos que ele mesmo selecionou, esta experiência é muito rica pois leva o aluno a se conhecer mais, a voltar para si mesmo e perceber suas particularidades e subjetividades.

Além da diferenciação dos ângulos, neste exercício, os alunos poderão explorar a questão da luminosidade e da direção da luz sobre os objetos e o que isto pode acarretar de expressividade

Em diferentes níveis da produção fotográfica, a escolha da luz, do enquadramento, do foco, da fotometria e de outros procedimentos técnicos, determina a significação de uma imagem. A iluminação é um dos fatores mais importantes. (COELHO, AZEVEDO, BAPTISTA, 2009, p. 26)

O foco e a fotometria, também serão abordados durante as aulas em conformidade também, com cada aparelho celular e suas possibilidades.

O outro tema seria Figura Humana, ou seja, foto de pessoas. Para isto é necessário enfatizar que se deve ter a autorização da imagem, pela pessoa. No caso, os alunos deverão no grupo, conseguir um colega que se disponha a “posar”, com a devida autorização. Nestas fotos eles podem usar as expressões do próprio modelo para conseguir transmitir ou alegria, ou tristeza, ou descontração, ou seriedade etc. E o interessante é procurar associar aquilo que se quer transmitir a algum elemento formal que intensifique os sentimentos e expressões. Por exemplo, cores vivas e alegres associadas à alegria, ou cores sombrias associada à tristeza. Cores neutras associada à seriedade. A iluminação também pode ajudar na expressão, por exemplo para simpatia e serenidade, usar uma luz difusa que ameniza as marcas de

expressão, criando sombras suaves. Para dar estranheza, à figura, faz-se uma iluminação de baixo para cima, pois gera uma deformação pelas sombras. Para uma imagem mais enigmática e soturna, uma iluminação superior cuja figura fique quase encoberta pelas sombras. (FOTOGRAFIA, 2013). Um dos objetivos desta atividade é fazer com que consigam fotos de pessoas de uma forma bem diferente da que estão acostumados a fazer quando tiram fotos de seus familiares em um evento qualquer, ou das famosas selfies (este pode ser um outro tema a ser abordado).

Para isto eles devem entender que o foco é a figura humana com todas as potencialidades expressivas que pode oferecer, além das expressões faciais, as expressões corporais, e outros aspectos como enfatizar na figura humana a sua profissão ou até mesmo a moda. Uma atividade que irá proporcionar a ênfase sobre a expressividade da imagem e os elementos que são possíveis para reforçar a mensagem que se quer expressar.

Escolher um fundo que destaque a figura humana é uma das orientações dadas, um fundo neutro ou colorido que destaque a forma da figura, ou um fundo com texturas, para buscar mais simplicidade à foto. A técnica do desfoque também é interessante para destacar a figura. Observar os elementos que vão compor a foto, é observar todos estes detalhes: usarei um fundo colorido ou uniforme? As cores da imagem serão monocromáticas para que se consiga unidade na composição através das cores das roupas e do fundo, ou o contraste entre os elementos será melhor para minha composição, usando, não cores, mas usando o modo em preto e branco? São estas infinitas escolhas que a fotografia pode proporcionar no ato de compor a imagem capturada pela câmera fotográfica. Para o aluno, torna-se uma brincadeira. Mas uma brincadeira com propósito que será capaz de fixar nele certos conhecimentos imprescindíveis para a leitura das imagens e assim obter um senso crítico mais apurado.

Os exemplos de fotógrafos renomados serão, em cada proposta de tema, lembrados para que os alunos busquem referências visuais para as suas fotos.

Por fim, o último tema a ser abordado é a Paisagem. A paisagem proporcionará aos alunos uma visão mais afastada do objeto a ser fotografado. É um exercício em que verão na prática a questão da luz e da cor. Será proposto que tirem fotos da mesma paisagem em diferentes horas do dia (manhã, meio dia, tarde e noite), assim farão a leitura do resultado percebendo as diferenças de cores das imagens capturadas. Eles poderão usar os recursos disponíveis em suas máquinas ou celulares que

sejam capazes de atribuir cores diferentes às paisagens. O exercício com o preto e o branco também será proposto para experimentação. A orientação será a de manter a linha do horizonte realmente na horizontal, em fotos de paisagens em que esta linha aparece com clareza, que são as paisagens marítimas e campestres. Assim os alunos irão perceber a questão da profundidade, a perspectiva de planos e/ou a perspectiva com pontos de fuga, que apresentam linhas de convergência. Neste tema ficará, a questão compositiva apontada por vários fotógrafos, ou seja, a regra dos terços, que consiste na divisão do enquadramento em três partes iguais tanto na vertical como na horizontal do espaço da imagem, A orientação é de que, o motivo de maior interesse, ocupe a maior parte do espaço, no caso, dois terços do espaço. Então, se o céu for a parte mais interessante da imagem, ele ocupará dois terços de cima para baixo da imagem. Caso seja a terra a parte mais interessante da imagem ela ocupará os dois terços de baixo para cima, ficando o céu com apenas um terço da foto. É uma regra simples e que faz o aluno entender que ele pode assim manipular a imagem para produzir aquilo que lhe interessar. Em fotos de paisagens urbanas, como a linha do horizonte não aparece com tanta frequência fica à critério do aluno, fazer esta abordagem com as linhas que aparecem na imagem, sejam as linhas do meio fio, ou dos postes de luz com seus fios ou, procurar enfatizar formas geométricas das janelas e formatos dos prédios e/ou das sombras, que podem também, como nas fotos de natureza morta, ser exploradas, uma vez que em diferentes horas do dia elas podem se apresentar de forma dura ou suave. Portanto, as possibilidades de composição e enquadramento são bastante diversas.

A prática em sala de aula ou no pátio da escola são acompanhadas pelo(a) professor(a). À medida em que os grupos forem finalizando suas fotos, o professor(a) faz a abordagem e crítica das mesmas, a todos os integrantes daquele grupo ao mesmo tempo. A prática pode ser finalizada com a escolha por parte dos alunos de duas a três fotos de cada tema para serem enviadas para o e-mail do(a) professor(a), ou via WhatsApp. Conforme disponibilidade da escola estas fotos podem ser impressas para a montagem de uma exposição.

A prática da fotografia que auxilia na compreensão da composição visual, se torna acessível aos alunos do 8º ano ou do 9º ano do ensino fundamental, possibilitando o início para um desenvolvimento da sensibilidade em relação às imagens que estão presentes ao seu redor e também aquelas que são vistas através dos diversos meios de comunicação como cartazes, outdoors, televisão, vídeos, etc., e, ainda

aquelas que estão em museus e galerias, aproximando as obras de arte com o seu público. E pretende alcançar seu objetivo que é proporcionar ao aluno uma visão mais crítica e compreensível capaz de realizar a leitura de todas estas imagens presentes em sua vida. Se efetiva, então a potencialidade da fotografia para o auxílio no entendimento da composição visual, e que Dondis ainda nos apresenta outras vantagens:

Há inúmeras variáveis à disposição do fotógrafo, e estas lhe permitem controlar a inexorável informação ambiental. Em primeiro lugar, e isso é o mais importante de tudo, está na expansão dos conceitos visuais através dos exercícios de alfabetismo visual. Os projetos para uma foto ou uma história em imagens podem ser elaborados sobre o papel – trata-se de uma boa forma de pré-planejamento. Mas é provável que o fotógrafo vá pensar em termos de imagens visuais, e vê-las projetadas numa espécie de tela mental. As opções compositivas exploradas em forma de esboço e projeto devem ser concretizadas de outras maneiras. Cerrar os olhos para reduzir a informação visual a formas simples e abstratas é algo que oferece uma informação compositiva à qual se pode responder, e que pode ser modificada através do ato de agachar-se, curvar-se, saltar sobre uma cadeira ou subir uma escada. Todos estes métodos e ginásticas constituem, para o fotógrafo, um equivalente dos esboços da fase de pré-visualização. As opções tornam-se ainda maiores graças à existência de diferentes tipos de câmera, (...). Uma coisa é certa – dificilmente qualquer outro meio visual poderá ser colocado em prática com tamanha facilidade, oferecendo com isso oportunidades de experimentação tão rápidas e baratas. (2007, p.215 – 216)

Cabe, portanto, ao professor de arte proporcionar aos seus alunos esta prática para o ensino da composição, pois estes se sentem impossibilitados de lidar com as imagens na forma de desenhos ou pinturas, com uma metodologia que possibilite a conquista do alfabetismo visual.

De alguma forma, por algum motivo ou vários deles, o modo visual é visto ou como inteiramente fora do alcance e controle das pessoas sem talento, ou, pelo contrário, como imediatamente – quando não instantaneamente – acessível. A suposta facilidade de expressão visual talvez esteja ligada à naturalidade do ato de ver, ou à natureza instantânea da câmera. Todo esse ponto de vista por certo se vê reforçado pela falta de uma metodologia que possibilite a conquista do alfabetismo visual. (DONDIS, 2007, p. 229)

A proposta, portanto, deste trabalho, é proporcionar uma metodologia que alcance o objetivo de capacitar os alunos para uma leitura mais eficiente das imagens. Uma

metodologia que não leve o aluno apenas a apertar o botão da máquina fotográfica, mas que seja levado a pensar em sua práxis, considerando as diversas possibilidades de construção de imagens, que sejam significativas, entendendo que compor uma imagem, é, justamente, construir estas imagens e, nesta práxis de "construção", possibilitar, também uma leitura mais eficiente, ou seja, que leve ao alfabetismo visual (aprender a leitura de imagens).

A necessidade de se fazer a leitura correta das imagens, se verifica na capacidade de ser mais crítico diante da enxurrada de imagens que nos são lançadas tanto através de fotos como das imagens televisivas, vídeos, etc. Para que não sejamos influenciados tão facilmente, e assim, sermos levados a atender aos interesses daqueles que estão por trás da produção de tais imagens.

Que vantagens traz para os que não são artistas o desenvolvimento de sua acuidade visual e de seu potencial de expressão? O primeiro e fundamental benefício está no desenvolvimento de critérios que ultrapassem a resposta natural e os gostos e preferências pessoais ou condicionados. Só os visualmente sofisticados podem elevar-se acima dos modismos e fazer seus próprios juízos de valor sobre o que consideram apropriado e esteticamente agradável. Como meio ligeiramente superior de participação, o alfabetismo visual permite domínio sobre o modismo e controle de seus efeitos. Alfabetismo significa participação, e transforma todos que o alcançaram em observadores menos passivos (DONDIS, 2007, p.230 - 231).

Observadores menos passíveis e menos manipuláveis, capazes de construir seus próprios gostos e preferências, capazes de fazer próprias escolhas de forma mais consciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens estão aí, por toda parte, elas chamam atenção, impressionam, embelezam, nos comunicam mensagens diversas, nos divertem, nos distraem, nos trazem conhecimento, etc. Imagens fotográficas, ou não, estampadas em cartazes, propagandas, nas tvs, nos celulares, no cinema, em galerias em museus. Todas elas nos comunicam algo ou nos trazem sensações, e elas precisam ser lidas e entendidas, ou, do contrário, elas podem exercer um domínio persuasivo de interesse daqueles que as produzem. Tendo em vista a necessidade de se fazer uma leitura eficiente das imagens, a proposta de ensino da composição visual, é um meio que pode possibilitar tal leitura. Vimos que os estudos da percepção visual, que foram realizados na Gestalt, levam-nos a concluir que é importante ver uma imagem de forma a observar cada detalhe e resumi-la, ou extrair dela os elementos visuais que a compõe. Estes elementos são o ponto, a linha, a forma, a cor, a textura, a dimensão. Faz-se necessário, também, perceber a força expressiva de cada um dos elementos, reconhecendo neles símbolos e signos que podem ser reconhecidos e assimilados pela maioria das pessoas, de acordo com as vivências consideradas comuns entre elas. Nas aulas com alunos do ensino fundamental, estes estudos se tornam insuficientes e por vezes ineficientes pelo fato de o entendimento sobre composição visual necessitar de uma prática constante de leitura de imagens, da percepção de imagens diversas, de uma prática constante, e até excessiva de produção de imagens. Este estudo através das linguagens do desenho, pintura e colagem, não são suficientes, pois os alunos se sentem incapazes de produzir imagens que não conseguem realizar. A visualização de obras artísticas de artistas renomados é necessária, mas também não é suficiente, pois sempre haverá aí uma abordagem textual que os impede de realmente ver a imagem.

A proposta de uso da fotografia vem facilitar o entendimento sobre composição visual, pois ela apresenta potencialidades próprias que podem ser exploradas em aulas práticas com os alunos do ensino fundamental. Suas potencialidades são diversas e foram relatadas no capítulo dois: : - ela permite o congelamento da imagem que proporciona uma melhor visualização dos elementos visuais e de detalhes que os olhos normalmente não percebem; - a possibilidade de lidar com muitas imagens ao mesmo tempo e compará-las; - exercitar o olhar, buscando

imagens interessantes; - apresenta o fator credibilidade por retratar com certa fidelidade as imagens que vemos; - proporciona múltiplas possibilidades de manipular as imagens devido às possibilidades da câmera; - o aluno aprende “brincando” pois a prática fotográfica é uma distração prazerosa, e que com certeza produzirá conhecimento.

A metodologia usada leva em conta a presença constante do(a) professor(a), que fará avaliações constantes mostrando aos alunos as melhores fotos tiradas e fazendo-os perceberem as possíveis expressividades. Aulas expositivas para introdução do conteúdo e exemplos de artistas renomados. E, na maior parte do tempo, a prática do aluno com o celular explorando suas potencialidades. Vimos que a própria prática fotográfica já se apresenta como potencialidade para o ensino da composição visual, proposta de tal pesquisa.

REFERÊNCIAS:

- ARNHEIM, Rudolf. *Arte e Percepção visual: uma psicologia da visão criadora*: Tradução de Ivonne Terezinha de Faria. 10. ed. São Paulo: Pioneira, 1996.
- AUMONT, J. *A Imagem*. Campinas: Papirus, 1993.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. Vol.1 – Obras escolhidas. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.
- COELHO, Luís Moraes; AZEVEDO, Patrícia; BATISTA, Paulo. *Fotografia e Tecnologias Contemporâneas*. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (Org.). Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 2. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.
- FARIAS, Lídia. *A fotografia ao longo do tempo: da Kodak ao Instagram*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS NA REGIÃO NORDESTE, 16, 2014, João Pessoa. **Anais eletrônicos**... João Pessoa: INTERCOM, 2014. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1656-1.pdf>> Acesso em: 13 janeiro de 2020.
- FERNANDES JÚNIOR, Rubens. Processos de criação na fotografia: apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica. Revista Facon. Faap, nº 16 (2º semestre 2006): 10-19.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2002.

- FOTOGRAFIA. Direção e produção: Maurício Gino. Roteiro: David Mussel. Coordenação: Evandro Lemos Cunha e Yacy-Ara Froner. Belo Horizonte: Innovatio Laboratório de Artes e Tecnologias para Educação. Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Curso de Especialização no Ensino de Artes Visuais à Distância, 2013.

- PEREIRA, Paulo da Costa. *160 anos de fotografia*. Revista Fotografia Popular (extinta), 1999. Disponível em <<https://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downs-uteis-160-anos-de-fotografia.pdf>> Acesso em: 13 janeiro de 2020.

ANEXO 1

Observe as imagens e responda às questões:

1) O quê você vê na foto?

2) Podemos fazer um desenho esquemático da imagem usando quais elementos visuais?

Faça um esboço da imagem produzindo estes elementos:



3) Quais outros elementos visuais foram usados?

4) Como estes elementos foram posicionados na foto, no enquadramento?

5) Qual a sensação dada por estes elementos?

6) Então, qual a interpretação você pode dar à imagem?

ANEXO 2

ROTEIRO

Estes são os temas das fotos que você irá tirar:

1) ABSTRAÇÃO: Você vai tirar fotos dos elementos visuais (pontos, linhas, formas, cor, texturas, dimensão). Eles podem estar isolados (para isto use o modo em preto e branco), ou combinados dois a dois, ou constando três deles na mesma foto. Procure aproximar ou dar zoom na câmera, a fim de abstrair a imagem.

Pesquise os artistas: Fernanda Altenfelder / Serje Najjar

2) DETALHES: Agora você vai procurar pela escola detalhes interessantes. Não é abstrair, a foto deve ficar figurativa. Para isto você deve aproximar a Câmera do objeto a ser fotografado ou dar um zoom nela.

Pesquise os artistas: Eliot Porter (detalhes da natureza) / Celso Oliveira

3) NATUREZA MORTA: Lembrando que natureza morta é o nome dado para imagens que contém objetos diversos dispostos sobre uma superfície. Esta disposição deve levar em conta uma estética expressiva. Procure tirar várias fotos de diversos ângulos e escolha a que mais agradou. Procure, também utilizar uma luz artificial (lanterna, abajur) e colocá-la em posições diversas para experimentar o efeito dado sobre os objetos. Esta atividade será feita em sala de aula com objetos escolares e em sua casa, onde você irá escolher objetos que tenham afinidades com você, ou com o que você gosta.

Pesquise os artistas: Rafael D'Aló / Dan Bannino

4) FIGURA HUMANA: Você vai tirar foto de um ou mais colegas, conforme a autorização do mesmo ou dos mesmos. Procure posicionar o(s) modelo(s) em local, observando o que está no fundo, o que está por trás dele(s). Peça-o para, de forma espontânea, fazer expressões que tenham relação com o que você quer expressar. Observe a cor da roupa que está usando, se tem alguma relação com o fundo. Você pode fazê-lo usar acessórios que fariam interessantes em suas fotos. Busque

ângulos diferenciados e use a luz para ajudar na expressão de sua foto (como na natureza morta). Lembre-se que pode usar o preto e branco enfatizando contrastes.

Pesquise os artistas: Steve McCurry / Sebastião Salgado / Annie Leibovitz / Dorothea Lange.

5) PAISAGEM: Estas dicas podem ajudar: Posicione a linha do horizonte, de maneira que ela fique na horizontal, e não inclinada. Use a regra dos terços. Se o céu estiver mais interessante que a terra, então faça-o ocupar dois terços de cima para baixo em seu enquadramento. Se a terra estiver mais interessante que o céu, faça-a ocupar dois terços de baixo para cima de seu enquadramento. Se tanto céu como terra estiverem desinteressantes ou interessantes, posicione a linha do horizonte no meio da foto. Esta não é uma regra rígida, depende daquilo que quer mostrar e expressar em sua foto. Você pode também enfatizar as linhas, as formas geométricas dos edifícios etc.

Tire várias fotos do mesmo ângulo e da mesma coisa, em diferentes horas do dia, para que perceba como há mudança na cor da imagem e que pode ajudar na sua expressividade.

Pesquise os artistas: Alex Boyd / Ansel Adams

OUTROS ARTISTAS PARA PESQUISAR:

- Henri Cartier-Bresson
- Alfred Stieglitz